

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo



Numero 243

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 15300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 25500. Semestre, 15500 réis (fortes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

PAGAMENTO ADIANTADO

O EXERCITO PORTUGUEZ

Depois dos soldados responderem com a phrase de Camborne, ao viva erguido por troça ao imperador, lia-se no dia immediato,—é ainda o conde de Hérisson quem o refere—nos jornaes de Paris:

CAMPO DE CHALONS,
20 DE AGOSTO, 6 HORAS DA TARDE.

O imperador visitou hontem a cavallo varios corpos de exercito. Por toda a parte as tropas o cercaram pedindo-lhe para marchar para a frente.

Por copia exacta.

O MINISTRO DO INTERIOR,

Henri Chevreau.

Vão lá acreditar nos despachos! commenta Hérisson.

Era a mentira, em tudo e por tudo.

A mentira inherente, a mentira indispensavel aos regimens moribundos.

São em toda a parte assim.

Um regimento tem vinte e tantos homens promptos, e o ministro da guerra garante, em pleno parlamento, que tem mais de quinhentos!

Um exercito não mobilisa rapidamente dez mil homens, e o ministro da guerra jura ás camaras que póde mobilisar mais de duzentos mil!

Falta tudo ás tropas, como em 1870. E o ministro da guerra declara que não falta um botão n'uma jaqueta de soldado!

Os soldados attingem a suprema irreverencia, como essa de mandar a Palmella o imperante, e os ministros transmittem, e espalham, que as tropas acclamaram o Cesar pedindo-lhe para marchar para deante!

Enche-se a bocca com o exercito, como elemento de ordem. O exercito era a ordem em França, no tempo do imperio. O exercito é a ordem em Portugal. A ordem, a ordem! E afinal só é elemento d'ordem enquanto as casernas se conservam despejadas. Logo que se enchem, ou seja para marchar para a guerra, como em França, ou seja para o que fór, a disciplina é geral, a desordem rebenta, uns negam-se a marchar, outros desertam pelos caminhos, outros ficam para traz, outros cortam as mochilas, outros deitam fóra as espingardas—até d'isso houve em 1870—outros negam-se a levantar o rancho, outros apupam officiaes e sargentos, outros gritam: *Viva o pae da vaccada!* e outros mandam o imperante áquella parte.

Em França, em Hespanha, em Portugal, onde quer que o exercito se converta em guarda

pretoriana destinada a defender o throno.

Chamae as reservas, e vereis! E' que não ha exercito, como coisa nenhuma, sem sentimento de verdade. E o espirito das Tulherias é o espirito da mentira. Todos o reconhecem, todos o sentem, desde o mais polido até ao mais rustico, desde o mais intelligente e culto até ao mais estúpido e ignorante.

A mentira, sempre a mentira! Que brilhe a gola e os botões da farda do soldado. Que o uniforme se não apresente desbotado ou coçado. N'isso consiste todo o cuidado e esforço. Que azafama, nas vespervas de parada, ou de procissão!

Enganar o mundo, e enganarem-se a si proprios. E' o que se pretende. Sua Magestade previne, quando quer visitar algum quartel. Previne o proprio general. Ensaiam-se theorias e exercicios, quando chega o inspector. Ninguém quer ver, porque ninguém quer remediar. Todos conhecem a verdade, mas todos fingem que a desconhecem. Exercito de parada, exercito de procissão, exercito de mentira!

Que importa que os quartéis caiam em ruinas? Que importa que os soldados não tenham camisas para se deitar, mantas para se cobrir, nem bacias para se lavar?

Teem collarinhos! Teem luvas! Teem collarinhos, teem luvas, mas não teem meias!

Como esta pequena coisa bastaria para definir uma instituição!

No fundo, ninguém se importa com o corpo nem com o espirito do soldado.

Oh! Com o espirito! Os phariseus, os zeladores do brilho da gola da jaqueta, da alvura das luvas, e que a isso se resumem, são logicos, e são dignos na sua formidavel mesquinhez, recebendo com ironias, com chacotas, com hostilidades declaradas ou mal disfarçadas, todas as tentativas para erguer o nivel moral e intellectual do soldado. São dignos. Como haviam de applaudir que os soldados, em quatro ou cinco mezes, ficassem sabendo quasi tanto como elles?

A França ainda hoje sente esse espirito das Tulherias, esse espirito imperialista, que passou, como o simon, abraçando e sepultando tudo. A republica conseguiu attenua-lo, conseguiu diminui-lo,—tem sido longa, e renhida, a lucta travada entre o cesarismo e a democracia—mas não poude ainda destrui-lo. E d'elle derivou a infamia Dreyffus.

Uma grande infamia, é certo. Mas que não surprehende. Onde a mentira apparece arvorada em systema, onde o direito foi posto de parte completamente, onde tu-

do se falsifica, que admira que um homem seja sacrificado a um bando, a um band que não hesita em sacrificar aos seus interesses, ás suas ambições, aos seus preconceitos uma nação toda, quanto mais um individuo? Não admira nada. Está na corrente da logica e dos factos. Chega a ser um incidente vulgar, um incidente minimo.

Não conhecemos em Portugal uma grande infamia Dreyffus. Mas conhecemos cem infamiasinhas que valem, no fundo, a mesma coisa, e que chegariam, em egualdade de circunstancias, ao mesmo resultado. Não temos a ilha do Diabo. Mas temos a corregedoria, mas temos Timor, que é peor. Dreyffus foi para a ilha do Diabo a coberto duma falsificação, d'uma traição, d'uma *illegalidade*. A corregedoria prende quem quer, quando quer e como quer, *em nome da lei, e em nome da lei* os manda para Timor.

No exercito não ha planos a vender. Ha só opinões politicas a denunciar. E isto é pouco, *por enquanto*, para mandar para a ilha do Diabo. Mas os processos, são os mesmos. Os inquisidores, os mesmos. Mesmissima a falta de escrupulos, o desprezo absoluto do direito, o desprezo absoluto da verdade.

Poderiamos comprova-lo com cem factos. Mas além d'isso alongar estes artigos além do que, n'este instante, desejamos, tiralhes-hia o character impessoal que temos mantido e que queremos manter até ao fim. Nem é preciso. Os que são militares conhecem-nos. Mais ou menos. Os que não pertencem ao exercito, imaginam-nos.

Bastam duas citações da lei, para se ayaliar, com plena exactidão, o alcance d'esse espirito cesarista, que vem dominando, ha treze annos, a força pública entre nós.

Pelo *Codigo de Justiça Militar* o commandante da divisão e o ministro da guerra podem, querendo, subtrahir á acção dos tribunaes o criminoso. Se não quizerem mandar instaurar a accusação, não mandam, ainda que os factos constantes do processo constituam crime previsto e punido pelas leis militares e ainda que haja prova de culpabilidade. Para assim procederem, bastará que julguem o andamento do processo *inconveniente para a disciplina*.

A tremenda iniquidade que isto representa! Os espantosos abusos a que isto dá lugar! Nenhum protegido das altas regiões, e das baixas, responderá a conselho de guerra, *faça o que fizer*. Nenhum. Só algum pobre diabo sem protecção alguma, ou aquel-

le que tiver tido a desgraça de calir em desagrado.

Isso pelo que diz respeito ao *Codigo de Justiça Militar*. Com o *Regulamento Disciplinar* temos a inversa. O official póde soffrer a pena infamante, e grave sob todos os aspectos, de incapacidade moral, sem ao menos ser ouvido. E' um dos tres casos previstos no *Regulamento*. O *conselho superior de disciplina* póde ouvi-lo. Mas não é obrigado a isso. Ouve-o, se quer. Se não quer, não ouve.

Não é tudo. Sendo cinco, cinco generaes, os membros do conselho superior de disciplina do exercito, podem 4 votar a favor do accusado que nem por isso elle fica, desde logo, absolvido. N'esses casos resolve o ministro da guerra em ultima instancia, de accordo com os quatro que absolveram, se quizer, mas tambem de accordo com o 5.º que condemnou, se lhe aprouver.

E a contingencias d'estas fica sujeito o futuro e a honra d'um official!

Conjuguem com a corregedoria, com a lei de 13 de fevereiro, e digam se não está completo.

Não é já o exercito, só, que pertence ao regimen. E' tudo. Tudo isto é dominio da corôa.

Mas a monarchia, como a republica, escrevia o *Dia* em discussão com o *Debate*, tem, não só o direito, como o dever de se defender. Tem, quando a monarchia ou a republica seja fiel ao pacto que firmou, cumprá os compromissos a que se obrigou e seja a expressão verdadeira da vontade da nação. Como é que um regimen, que supprimiu completamente a liberdade da urna, um regimen onde os proprios deputados da opposição monarchica declaram sem reboço, em pleno parlamento, que estão alli por vontade do governo, como é que um regimen que supprimiu a liberdade da urna, a liberdade de reunião e de associação, que estabeleceu a censura prévia para a imprensa, que encerra typographias e apprehende jornaes, como é que prova, como é que póde provar, que é a expressão verdadeira da vontade da nação?

Como mantem o pacto que firmou, prendendo sem culpa formada, deportando sem julgamento, sobrepondo em tudo e por tudo o arbitrio ao direito?

Como cumpre os compromissos que contrahi, vivendo em dictadura permanente?

E' elle, ou é a nação, que tem não só o direito como o dever de se defender?

A republica franceza redimiu Dreyffus. A republica franceza vae substituindo vigorosamente, no exercito, o espirito cesarista pelo espirito democrata. A repu-

blica franceza afirma e mantém a liberdade e o direito. A republica franceza não conhece dictaduras, não retrocede em cada passo a dissoluções. A republica franceza é, sem duvida, a expressão sincera e verdadeira da vontade da grande maioria da nação. Tem o direito, mais do que o direito, tem o dever de se defender.

Prove a monarchia portugueza que está dentro da liberdade, que se mantém fiel á constituição, que dá ao paiz os meios liberrimos d'elle exprimir a sua vontade e nós damos-lhe egual direito.

Senão, não.

Mas deixemos isso.

Que mais diremos sobre o exercito?

Volumes! Poderiamos escrever volumes, pelo menos um volume curioso sobre o que se tem feito, sobre o que se vae fazendo de 1891 para cá. Fa-lo-hemos um dia. Por agora vamos terminar.

Vimos os principios iniquos do *Codigo* e do *Regulamento Disciplinar*. Devemos acrescentar que só isso é real. O resto é uma mentira, como tudo. E' uma mentira o direito de reclamação. E' uma mentira o direito de queixa. E' inutil reclamar. Ninguém reclama, ninguém se queixa, a não ser contra pessoa que se sabe de antemão ser odiada por aquelles que hão de receber a queixa ou resolver a reclamação. Em regra, tudo é resolvido contra o mais humilde. Tudo é interpretado em sentido mesquinho. Sempre com chicana! Sempre com sophisma!

Emfim, o exercito não tem base moral. Portanto, não tem ideal, não tem aspiração, não tem elevação. Não tem alma!

Deem-lhe homens, deem-lhe canhões, deem-lhe fardamentos, deem-lhe equipamentos. Debalde. Suffoca, esmorece, definha, da mesma forma. Falta-lhe a consciência da sua missão, falta-lhe a vibração de um ideal.

Andar de espingarda ao hombro de guarda ao regimen, não é ideal para ninguém.

Nas casas da guarda adquirem-se vicios e perdem-se virtudes.

Mais um que cahe... de pé

Acaba de se demittir de ministro da fazenda o sr. Teixeira de Sousa, sendo nomeado para identica pasta o sr. Affonso Pequeto.

Consta-nos que para o sr. Teixeira de Sousa ha já preparadas boas prebendas e com as quaes o demissionado ministro conta desopilar o figado dos tra'allios ministeriaes. Para sobre-meza ja elle tem ha muito as aguinhas de Vidago.

Isto é um verdadeiro reinado de pagodeira e commodidades. E não haverá travão que ponha cobro por por uma vez a tudo isto?

O DEBATE

Entrou no 2.º anno de publicação o nosso prezado collega *O Debate*.

Com a maior sinceridade e estima o felicitamos.

O Debate tem o seu logar especial no partido republicano. Baltava a este partido um jornal que reunisse á intransigência da idéa a elevação da forma, e que n'esse campo se mantivesse—isto era o mais difficil—com coherencia, com persistencia. *O Debate* preencheu essa importantissima lacuna.

Os jornaes republicanos tem sido um pouco desmanchados. Convem dizer isto. Desmanchados na forma e incoherentes na idéa. Sem egualdade n'uma coisa e sem egualdade na outra. A doutrina affirmada n'um dia tem sido, muitas vezes, desmentida no dia immediato. Ora levam o elogio até aos extremos da baixez, ora desatam nos ultimos improperios. Exaggeradissimos no louvor aos amigos, não tem uma palavra verdadeira e justa para os que reputam inimigos.

Isto, ou se trate de monarchicos ou se trate de republicanos. Com uns e outros se tem deixado levar muito mais pela paixão de momento que pelo imperio da justiça. E ao mesmo tempo que tal fazem, nem sempre tem independencia, tem força moral, para resistirem á corrente impetuosa dos preconceitos sociaes e dos interesses illicitos.

Com *O Debate*, felizmente, não tem succedido a mesma coisa. *O Debate* é, talvez, mais moderado ás vezes do que as circumstancias o exigem. Póde-se ser muito correcto na forma sem se deixar de ser muito energico. E *O Debate*, ás vezes, é brando. Dizemos o que sentimos. Mas no meio da sua brandura tem a suprema qualidade de ser verdadeiro, de ser independente, de ser justo. E' um jornal que se não lê, como muitos outros, por entre linhas. Diz as coisas lealmente, sem reservas de qualidade alguma. Ninguém lhe conhece, se o tem, mais amor por este grupo do que por aquelle. Com todos á comento. E com as difficuldades de um jornal nascente, difficuldades que elle é o primeiro a confessar, nem um instante se lançou ainda, para viver, na onda da lisonja, da especulação, da subordinação ignobil a interesses de classes ou preconceitos populares.

On trate de monarchicos, ou trate de republicanos, só o amor dos principios o orienta e o guia. Correcto com os homens e correcto com as idéas.

E' este o maior elogio que se lhe póde fazer.

E nós, que somos tão pouco dado a elogios, só lh'o fazemos por um dever de verdade e de justiça.

Os jornaes republicanos estão-se entregando a louvaminhas demasiadas, que começam a desagradar ao publico. Nós não vamos, nunca fomos, n'essa corrente.

Mas o louvor imposto pela justiça e inspirado na verdade, nunca o regateamos, nunca o regatearemos.

Receba, pois, *O Debate* as nossas mais sinceras e calorosas felicitações.

Desejamos-lhe muitos annos de vida e que os republicanos comprehendam bem a necessidade imprescindivel d'um jornal assim.

Foi nomeado sub-delegado de sande n'esta cidade o sr. dr. Armando da Cunha Azevedo, medico municipal.

Feira de Março

O regular tempo que tem feito contribuiu bastante para que se fizessem transacções em grande escala na feira de março.

Consta-nos que os expositores estão bastante satisfeitos com o negocio que tem feito, jámais quando contavam com um anno *falho*, em virtude da carestia que o grande inverno passado acarretou.

Antes assim.

Cartas d'Algures

1 DE ABRIL.

Escrevo em sexta-feira da paixão. Como assumpto do dia cabia-me falar no christianismo e em Jesus. Não me atrevo. Li a *Historia elemental e critica de Jesus*, de Peyrat, a *Vida de Jesus e Os Apostolos*, de Renan, a *Nova Vida de Jesus*, de Strauss, *O christianismo e suas origens*, de Ernesto Havet, a *Evolução Religiosa*, de Letourneau, as *Religiões Actuaes*, de Vinson, grandes calhamaços, alguns n'uns poucos de volumes, e não sei nada. Li-os e lei-os, porque os tenho aqui, todos á mão. Li mais. Li os *Ensaíos sobre a historia das religiões*, de Max Müller, *Deus na Historia*, de Bunsen, a *Sciencia das religiões*, de Burnouf, os *Estudos de Historia Religiosa*, de Renan, *Os Jesuitas*, de Huber, *Os Jesuitas*, de Quinet, *O christianismo e a revolução franceza*, de Quinet, os *Debates sobre theologia*, de Bradlaugh, a *Religião do Futuro*, de Hermann, a *Irreligião do Futuro*, de Guyau, as *Doutrinas Sociaes do Christianismo*, de Guyot, *Historia da Lucta entre a Sciencia e Theologia*, de White, *Os Conflictos da Sciencia e da Religião*, de Draper, e o diabo a quatro, sem excluir os livros portuguezes de Bombarda, José Caldas, Bruno, Grainha, Alexandre Herculano etc, de perto ou de longe relativos a esses assumptos.

Tudo isso eu li e tudo isso eu tenho á mão. Não julguem que quero fazer estendal de erudição. Seria asneira, porque só conseguiria adquirir fama de burro. Em Portugal quem lê muito é burro. Quem tem *phosphoro*, como elles dizem, não lê, inventa. Lêr é para a banalidade. Os talentos precisam lá de leitura!

Não tomem, pois, á conta de ostentação de saber profundo, o rol que ali deixo. Eu nunca poderia correr o risco de ter saber profundo sobre a materia, porque não sou homem da especialidade.

Se fosse da especialidade, quero dizer, homem com auctoridade, homem com fama de saber da póda, então sim. Então era pretensão e tinha de pedir desculpa. Não sendo pessoa auctorizada, como não sou, não me parece que possa provocar a troça do mundo.

Posso lêr quantos livros eu quizer, e confessa-lo, que ninguém dá pelo que eu leio, nem pelo que eu digo.

Antes assim.

Mas, como vinha dizendo, tendo eu por costume tratar, mais ou menos, n'estas cartas, assumptos de actualidade, o dia de hoje seria excellentemente para falar do christianismo, ou de Jesus, que é coisa grave e importante. Pois, repito, não me atrevo. Vejo toda a gente falar com tanta facilidade sobre isso, que não ousa, pelo meu lado, dizer coisa nenhuma. Não hesitaria, se eu estivesse de accordo com o que se diz. Mas não estando, se vou a discordar riem-se de mim.

Não me importava com o riso, se não tivesse lido tanto. Assim, envergonho-me.

Arrepelava-me, até, se eu lesse com o fim de me instruir, em vez de lêr, como leio, com o fim de me distrahir. Não vou a reuniões, não vou a clubs, não vou a cafés, não tenho amigos, não tenho conhecidos, não falo, não converso... como diabo hei de eu passar o tempo? Leio, leio sempre, leio tudo. Para matar tempo. E' uma distração. E, caso digno de registo, comecei a brincar e acabei a sério. Ao principio li por necessidade. Agora leio por prazer. Prazer tão consolador que não hesito em o recomendar a todo o mundo.

Li algures—ainda eu era rapazote—que não ha melhores amigos que os livros. Pois é certo. Amigos que nunca se zangam, que nunca se tornam impertinentes, que nunca se tornam aborrecidos, que não nos incommodam, que não nos cansam, que não nos atraioam. Amigos delicadissimos, que não envenenam a discussão, ou a gente esteja de accordo ou esteja em des-

acordo. Amigos sempre promptos a acquiescer aos nossos desejos. A gente conversa com elles sobre aquillo que mais nos agrada, ou sobre litteratura, ou sobre sciencia, ou seja lá sobre o que fór. E elles tem sempre coisas novas e coisas bellas para nos dizer.

Eu estou muito contente por viver em tão boa companhia.

Farto e cansado de patifes, resolvi um dia a afastar-me do mundo, voltando-me para os livros.

Porque não fiz isso mais cedo? Voltando-me para elles exclusivamente, devo dizer. Porque nunca os deixei de estimar, e, mais ou menos, de privar com elles, mesmo quando me gastava no mundo.

Ora entre esses meus numerosos amigos, estimo mais uns do que outros, é claro, e prefiro a uns assumptos outros assumptos. Os assumptos religiosos são, precisamente, os da minha especial predilecção, talvez por eu ser, tambem, uma natureza apaixonada. Os assumptos religiosos apaixonam como poucos. Eis porque eu leio tudo quanto encontro n'esse genero. Mas ou eu não aproveito nada—e por isso disse que era caso de me arrepear se lesse com o fim de me instruir—ou a ignorancia é geral sobre esse ponto.

Que erros grosseiros, que distantes, a proposito do christianismo e de Jesus! E que hypocrisias revoltantes! Decididamente a mania de fazer phrases é uma das manias mais prejudiciaes á humanidade. O estylo é um dos maiores inimigos da verdade.

Hontem fui vêr as egrejas, com o duplo fim de ouvir musica e de estudar os fieis. Quanto á musica fiquei despondado. Não havia! E' reforma de Pio X! Nem as musicas regimentaes tornarão a tocar nas egrejas! Surprehendeu-me um pouco. E digo um pouco porque eu ha muito tempo que não acredito na tal decantada habilidade do Vaticano. Senão surprehendia-me muito. Não são elles que são habéis. São os adversarios que são profundamente inhábéis. A Egreja foi sempre um espectáculo e do espectáculo tem vivido sobretudo. Supprimir a musica é diminuir a concorrência. Nas alturas em que vamos, o papa faria melhor, bem melhor, em mandar tocar castanholas e pandeiro no côro do que em supprimir pratos e campainhas.

Quanto aos fieis, ha, de anno para anno, sensiveis progressos na descrença. Sem jornalistas, a verdade caminharia a passos de gigante. Sem o verbo divino, sem a tragedia do calvario, sem a religião redemptora, sem o dogma cheio de unção, sem o perfume da saudade, sem o manso cordeiro, sem o Christo vagamente ideal, vagamente loiro, sem as perolas, sem o orvalho, sem o *resurrexit* e sem o *Gloria in excelsis Dei!*

Aqui é que era precisa uma lei de imprensa.

Aqui é que nós queriamos vêr o João Franco a deporta-los para Timor.

O que elles tem feito, os homens da arte, *voando nas azas da imaginação*, ao pobre Jesus, com a pena, com o pincel, a escrever, a pintar, de toda a forma e maneira!

Não haja duvida que são muito mais prejudiciaes do que os anarchistas.

A. B.

O balão do «Ferramenta»

A lenda do balão «Luzitano» vae desaparecendo em todo para dar logar a nova curiosidade do publico pela ascensão do balão do «Ferramenta» no Palacio de Chrystal, do Porto.

O Ferramenta ficou com a sua ferramentasinha *pela magnifica* sorte que tiveram os desaparecidos do «Luzitano» e lembra-se tambem de lançar aventura, a ver se lhe acontece cousa igual.

Apezar de julgarmos que na perda do «Luzitano» houveram graves imprudencias, não julgamos, no entanto, estas aventuras proprias para *ferramentas*.

O analphabetismo

EXERCITO

A *Voz da Justiça* transcreve, em artigo editorial, a carta de Coimbra para o *Primeiro de Janeiro*, já aqui publicada, e accrescenta:

A obra do sr. capitão Homem Christo está demais assignalada. E' um benemerito e um official que faz honra ao seu paiz. Quer o bem do povo e comprehendendo que só pela instrução elle póde melhorar a sua critica situação.

O sr. Homem Christo, tem dado um nobre exemplo da alta missão que ao official do exercito compete, moralmente, exercer: instruir o soldado analphabeto, fazer luz no espirito d'esses ignorantes que são a vergonha do paiz. E se todos os officiaes seguissem o caminho do sr. capitão Homem Christo e o exemplo dos officiaes do 23 que o vão auxiliando, os quartéis não seriam albergue de tanto analphabeto.

Ao soldado não deve ensinar-se só a forma de matar o seu semelhante... E' muito preciso que elle conheça bem «se deve matar», que aprenda a lêr, e que alguma coisa se lhe dê como recompensa do tempo em que andou a «servir o rei», em que abandonou o campo e os velhos paes, em que os deixou andar arrastados, sós, mal podendo ganhar o pão nosso de cada dia...

Dê-se-lhe, ao menos, a instrução das primeiras letras. E será talvez, a final, a unica recompensa que elle possa bemdizer!

O *Ensino*, de Coimbra, transcreve o artigo da *Resistencia*, já por nós aqui publicado.

A camara municipal de Lisboa deliberou, em sessão de 24 de março, dispensar ás Associações Agricolas do inquerito acerca dos nomes dos seus socios que por intermedio das mesmas Associações, enviam gado para o Matadouro de Lisboa; attendendo d'este modo á reclamação feita pela Direcção do Syndicato Agricola do Districto de Aveiro.

As avenças e o commercio de Espinho

Reunii terça-feira em Espinho a maioria dos negociantes d'aquelle concelho, a fim de accentuar a melhor maneira de fazerem chegar aos poderes superiores o seu pacifico protesto, contra o augmento no preço das avenças, que o escrivão de fazenda entende subir a seu bello prazer.

Como o exemplo vem do alto, entendem tambem os subalternos inferiores applicarem causticos ao povo, que já farto de tanto pagar não queira Deus que elle atire com a albarda ao ar.

N'essa reunião resolveu-se que primeiro se use de meios pacificos para serem attendidos como é justo, mas caso o não consigam o commercio protestará então energeticamente.

Na mesma reunião foi deliberado vir uma comissão a esta cidade entregar ao sr. delegado do thesouro uma representação, vindo essa comissão na quarta-feira composta dos srs. Antonio Salvador, Vicente Dias, Adriano Ramos, Antonio de Souza, José Pereira da Silva, Alvaro d'Almeida e Manuel Domingues da Silva, que foi apresentada ao sr. Cunha, empregado superior da repartição, por o sr. Caldas estar ausente, pelo sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, illustre presidente da camara. A comissão lêu então a seguinte reclamação:

III.º e Ex.º Sr. Delegado do Thesouro do Districto de Aveiro.—Os abaixo assignados, todos commerciantes, reunidos hoje n'este concelho de Espinho onde se acham estabelecidos,

a fim de resolverem a attitude que deviam tomar em face da exigencia que lhes é feita na repartição de fazenda concelha, subindo-lhes o preço das suas avenças, accordaram em vir muito respeitosaente expôr a V. Ex.º que não podem satisfazer a encargos tributarios superiores aos que actualmente pagam.

O povo d'Espinho a braços com uma crise medonha pela falta de pescado, não póde pagar mais, e o commercio preferirá abandonar a sua industria a ter de encarecer os generos de primeira necessidade tão onerados já n'este concelho.

Esperam os abaixo assignados que V. Ex.º fará baixar as necessarias ordens para que o sr. escrivão de fazenda não exija mais do que até-hoje pagavam, e que representa já um sacrificio pesado para o commercio que não podem aggravar mais as precarias circumstancias da maioria dos consumidores.

Confiaes em que V. Ex.º, comprehendendo da justiça do pedido, não deixará de os attender, aguardam as providencias que se digne ordenar, e muito respeitosaente

E. R. M.º

(Seguem-se 42 assignaturas)

Por tal motivo seguiu hontem para Espinho o sr. Jacintho Agapito Rebocho, inspector da fiscalisação dos impostos, a fim de harmonisar as partes interessadas.

E são com estas e outras exigencias que o pobre burro de carga, o povo, vive quasi sem camisa.

Bem hajam os commerciantes de Espinho.

Jornal de Ilhavo

Recebemos o 3.º numero d'este jornal, que se apresenta muito bem, superiormente redigido pelo illustre clinico ilhavense, o sr. dr. Samuel Maia.

Desejamos-lhe longa vida e mil prosperidades.

A nossa carteira

Vimos em Aveiro, o sr. Luiz de Azevedo, administrador da «Sobrerania do Povo», de Agueda.

Tambem aqui vimos no domingo passado, os nossos amigos Carlos Rodrigues da Costa, da Palhaça, Izaias Vide, de Macieira de Cambra e Francisco Casimiro, de Ilhavo.

Em Ilhavo, e hospede do sr. Manuel Sacramento, tem estado o sr. Fernando Navega, estudante da Universidade de Coimbra.

Consta-nos que está quasi restabelecido o nosso amigo Oscar Alvim, de Horta.

Foi pena que esse incommodo lhe não permittisse vir á feira de março, como nos tinha promettido.

Com um violento ataque de influenza, encontra-se no leito a esposa do nosso amigo sr. João Ferreira Felix.

Desejamos-lhe as melhoras.

Tem passado incommodado de saude, achando-se já restabelecido, o sr. João da Silva Salgueiro.

Em gozo de férias encontra-se n'esta cidade, o sr. João Pedro Ferreira Junior, 1.º cabo do regimento d'infanteria 18.

Junto de sua familia está gosando as férias da Paschoa, o menino Manuel Marques Couceiro Bastos, filho do sr. Manuel Marques d'Almeida Bastos, importante proprietario de Ilhavo.

Tem estado em Aveiro o rev.º sr. Manuel Ferreira Felix, esclarecido prior de Ois de Bairro.

No gozo das férias da Paschoa, partiu para Agueda o sr. padre José Marques de Castilho, digno director da Escola Normal de Aveiro.

Esteve em Aveiro, o sr. Manuel Maria Amador, zeloso chefe de conservação das obras publicas n'este districto.

Encontra-se em Aveiro, o sr. Américo da Graça, habil artista rio Porto.

SCIENCIAS E LETRAS

MARIA

Ella perguntou-me sorrindo :
 — Se não me chamasse Maria que nome gostarias que eu tivesse?
 — Só um nome te convém : o teu, porque sendo teu... é, por certo, o mais formoso!...
 — Meu Deus! Que madrigal tão velho! Estou a fallar-te seriamente, não faças versos da velha escola!
 «Suppõe que não sabes como eu me chamo. Como te arranjarias tu para achares um nome digno de mim, e que ao mesmo tempo te agradasse?»
 — Facilmente, respondi eu, das cinco coisas mais bellas do mundo tomaria uma lettra, e combinando-as formaria o teu nome.
 — E quaes são meu amigo, essas cinco coisas?
 — Conta pelos dedos?
 — O mar...
 — Porque?
 — Porque é tão magestoso e tão docemente traidor como o raio dos teus olhos divinos!
 — E depois?
 — A aurora.
 — Porque?
 — Porque é tão rosada e tão graciosa como o sorriso dos teus labios.
 — Depois?
 — A rosa.
 — Porque?
 — Porque é expressão da tua bocca.
 — Continúa...
 — Segue o mez d'abril.
 — Porque razão?
 — Porque é tão perfumado como as rendas finissimas que envolvem o teu seio de arminho e os teus braços de jaspe.
 — E por ultimo?
 — Açucena, que é branca como essas espaduas alabastrinas e as tuas pequeninas mãos de neve, que eu quizera calçar de beijos!
 — Ah! Estás hoje d'um lyrismo a toda a prova! Vamos a vêr:— de cada uma d'essas coisas tomarmos...
 — Uma lettra: M do mar, A da aurora, R da rosa, I do mez de abril e A da açucena.
 Ella soltou uma gargalhada.
 — Mas, exclamou por fim, se não me engano, com essas letras formarás o meu proprio nome, Maria!
 — Não! Enganas-te; porque o teu nome adorado é o unico digno de ti... e senão pergunta-o ao mar, à aurora, ás rosas, ao mez de abril e ás açucenas!...

CATULE MENDÉS.

A ladroagem

Consta-nos que anda novamente desaforada a ladroagem na cidade. Aos srs. Francisco Pinto d'Almeida & Fernandes forçaram-lhe as

FOLHETIN

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XV

Angustias que existiram

Por volta das dez horas d'aquella noite Braz Luiz de Abreu saiu de casa do vigario capitular, e recolheu-se ao convento de frades antoninos, convivinho da igreja da ordem terceira de S. Francisco, na qual o familiar do santo officio era irmão professo. Que noite aquella, que lagrimas choradas aos pés da cruz, e no seio do venerando prior da casa hospitaleira do maior infeliz que se alli albergara! Ao aclarar-se a manhã, o prior e dois frades de Santo Antonio, varões de grandes annos e virtudes, chegaram á porta de D. Josepha de Abreu. Abriu-se-lhes a casa, em cujo recesso tinha ido um chorar soluçante, e passado horas infernadas, sem mais desafogo que o atirarem-se por terra aquella mulher e sete filhos, ignorantes

portas do seu estabelecimento de ourivesaria, á rua Direita, proximo da esquadra policial e muito mais da guarda da cadeia.
 Pois nem assim os audaciosos gatunos temeram de lhes abanar fortemente a porta, que chegou quasi a sahir do seu logar.
 Tambem a uma mulhersinha que vive para o lado dos Alamos, roubaram os gatunos uma porção de roupa, coelhos e mais objectos, emquanto a infeiz tinha vindo á cidade a uns affazeres quaesquer.
 Será de conveniencia que o sr. commissario de policia vá pondo á sombra algumas caras estranhas que ahi apparecem pela feira de março, para tranquillidade do publico.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 toca hoje no jardim, é o seguinte:
 Ordinario. «Ernani», Final do 4.º acto da opera (Verdi) «Le Retour du Printemps», walsa (Waldteufel). «Os 3 amigos», ouverture (***) «Vesperas Sicilianas», quatro estações da opera (Verdi).

Uma féra com salas de mulher

O caso deu-se em Lisboa, na capital civilisada, onde a policia anda aos montes e a vigilancia da auctoridade é assaz arguciosa. Mas... damos a palavra a um jornal de Lisboa onde vimos o facto relatado:
 «Chama-se Jorge o pequeno de quem estamos tratando. Veiu ha um anno d'Africa na companhia do pharmaceutico militar, hoje reformado em major, o sr. Norberto Paes de Oliveira Mamede, estabelecido com pharmacia no Campo Grande. No dia 26 o menor Jorge fugiu de casa do patrão ou o puzeram na rua. Esta circumstancia não está ainda aclarada.
 No referido dia dirigiu-se ao policia 793 da esquadra do Campo Grande, pedindo-lhe protecção visto estar abandonado. A policia com a sua participacão enviou-o para o governo civil.
 Foi presente á policia administrativa e n'esta repartiçao submetteram-no a interrogatorio para saber as verdadeiras causas do abandono. Aqui é que o mysterio se começa a desvendar. A pobre creança tinha sido victima de actos da mais requintada malvezadez, facto que occultava com o receio de voltar para casa dos seus algozes.
 Apertada com perguntas, confessou o seguinte: Que vieram de Africa, como já dissemos, elle e uma pretinha trazida pelo referido pharmaceutico.
 Que de então para cá a sua vida tem sido de uma verdadeira crueldade e que a esposa do pharmaceutico, não contente com o es-

pancar constantemente lhe applicava um ferro em braza pelo corpo, scenas estas da mais requintada malvezadez que se deram no dia da fuga.
 Effectivamente, a infeliz creança apresenta pelo pescoço, mãos e pes, diferentes ferimentos, que provam, em parte, as suas declarações e que tambem foram confirmadas pelos distinctos facultativos da policia srs. drs. Barros e Tavares.
 O sr. Fernando Lacerda, sub-inspector de policia, que a principio lhe custou a acreditar que houvesse, n'uma terra que se diz civilisada, quem fosse capaz de tão grandes crueldades, ficou devéras horrorisado quando, pelas averiguações a que fez proceder, soube ser tudo verdade.
 Não era o pharmaceutico quem assim procedia, porque dizem ser um pobre homem; era a mulher, cujos féros instinctos a justiça deve rigorosamente punir, que applicava á pobre creança os flagellos inquisitoriaes a que nos referimos e parece que tambem á pretinha, que ainda está em poder da algoz. Tudo isto é certificado pela visnhança e até pelo proprio parcho da freguezia, que disse á policia que era uma obra de caridade tirar as creanças de semelhante martyrio.
 O menor foi hontem recolhido no hospital de S. José. Queixava-se muito de dôres horriveis pelo corpo.
 Digam depois d'isto que o coração da mulher é mais sensivel que o do homem!
 Folgaremos em vêr as justicias de Lisboa darem á megera o castigo que merece.
 Acaba de fallecer em Londres o celebre Luiz Quelinan, que em certa occasião, e n'um rasgo patriótico, desafiou para duello um inglez que tinha insultado vilmente a nossa patria.
 O valente Luiz Quelinan foi n'essa occasião alvo das maiores sympathias da nação portugueza.

O SANGUE REAL

Escandalos n'uma cõrte. — O amante d'uma princeza. — Revelações interessantes.

Dizem de Vienna a *Il Secolo*, de Milão:
 «O famoso livro do ex-tenente Mattassich está para apparecer. E' como se sabe, a auto-defeza d'um condemnado que se diz innocente.
 Mattassich, o amante da princeza Luiza de Coburgo, loura e formosa filha do rei da Belgica, foi declarado no tribunal militar, culpado de ter falsificado n'uma letra de cambio a assignatura da ex-archidueza Estephania, irmã de Luiza.
 Agora, após quatro annos de reclusão, Mattassich acaba de ser indultado.

Os antoninos caminhavam mesuradamente á beira d'ellas, com as mãos enfiadas nas mangas dos habitos. O prior ia ciciando quaesquer palavras, que deviam de ser as suas orações da manhã, ou rogava ao Senhor dos afflictos que esteiasse o animo d'aquella mulher singularmente desgraçada.
 Abriu-se a portaria do conservatorio de S. Bernardino. Os frades ficaram áquem da porta, que rouquejara nos gonzos com o quer que fosse de muitos gemidos unisonos de fundissimos carcereiros, soados por abobadas subterraneas.
 D. Josepha quando encarou no interior do recinto lobrego da entrada, deixou-se rasgar desde o intimo d'alma por um grito, mais desesperado, mais blasphemo que invocativo da divina graça para tão acerbo calix.
 — Haja-se com paciencia, senhor! — disse o prior — Olhe que desde este momento o Altissimo a está vendo e sondando-lhe o coração. A ignorancia não podiam ser culpada até hoje; mas d'ora em diante, a reluctancia com os deveres que lhe impõe a justiça do céo e a justiça da terra é crime mais que muitissimo grande... Entendeu-me, senhora?

Este livro-defeza ataca uma grande quantidade de gente, e em especial o velho glutão que reina em Bruxellas, e o principe Fernando da Bulgaria.
 O rei Leopoldo da Belgica — escreve Mattassich, que recebeu todas as suas informações da terna amante, a quem descreve naturalmente como um coração de ouro — nunca pôde supportar sua filha Luiza.
 Esta — então creança de seis annos — havia sido mandada, por sua mãe, levar uma carta ao segundo andar do palacio real. O rei, encontrando-se n'um corredor com a filha, queria que esta lhe entregasse a carta. A pequenita recusou energicamente. D'ahi o odio paterno que não mais cessou.
 Até ao casamento de Luiza com o principe de Saxonia-Coburgo-Gotha, nunca mais o pae lhe dirigira a palavra.
 O principe tinha-se enamorado da rainha da Belgica, e esta não encontrou melhor meio de o affastar de si senão o de lhe dar por mulher sua filha, de dezasete annos.
 Esta tinha antipathia e repugnancia pelo principe; mas foi obrigada a desposalo.
 Logo nas primeiras semanas da lua de mel, o irmão do marido, o principe Fernando de Caburgo, se enamorou perdidamente da cunhada, perseguindo-a incessantemente com as suas ardentes propostas.
 Chegou, uma noite, a dar-lhe um punhal, afim de que ella assassinasse de noite o marido, para casar depois com elle (?)
 Depois — continúa a contar a princeza — Fernando, que me tinha já envenenado o espirito com o seu perverso amor, teve a singular audacia de me offerecer uma grande somma de dinheiro para que eu lhe pertencesse!
 Uma grande parte do livro é dedicada á descripção da vida na cõrte.
 Mattassich conta que o imperador chamou a princeza para a admoestar visto que toda a cõrte falava nos seus passeios de carruagem, com elle, pelos arredores de Vienna.
 — Alteza real — lhe diise severamente Francisco José — eu sei tudo. Deploro que vossa alteza real não possa este anno tomar parte nas festas da Cõrte; mas são as consequencias dos erros...
 A princeza respondeu negando energicamente.
 — Sei tudo — proseguiu o imperador — é indubitavel que se commetteram faltas. Conheço perfeitamente a historia do official de uhlanos...
 — Magestade — replicou a princeza — peço-lhe que me proteja contra as calumnias.
 Mas Francisco José, insistindo ainda: — Sei tudo! — deu por finda a audiencia, dando-lhe um aperto de mão. Entretanto Mattassich era, por ordem do imperador, expulso de Vienna.
 Aqui insere o auctor uma phrase assaz insolente: — «Praticam-se tantos...
 — Entendi, senhor padre-mestre prior — respondeu a confessada do prelado dos antoninos.
 Fecharam-se as portas.
 A directora do Recolhimento, silenciosa como um phantasma, conduziu D. Josepha e as cinco meninas ao longo de um pequeno corredor, com cubiculos lateraes, e mal alumados da luz do dia ainda froixa. No extremo do corredor abriu-se a portuilha de uma cella espaçosa.
 — Aqui está, senhora — disse a directora, e acentou-se.
 As meninas romperam em grande choro, assim que a livida directora saiu; logo, porém, lhe assomou a mulher de macerado aspecto, no limiar da porta, e disse:
 — Aqui n'esta casa são permittidos os prantos da penitencia, e só esses, senhoras!
 Retrocedeu, a tempo que D. Josepha se abraçava de um amplexo em todas as cinco filhas, e lhes dizia:
 — Choremos baixinho.

(Continúa.)

d'estes erros na Cõrte — diz elle — que a princeza Luiza não era, decerto, uma excepção. Mas não quero entrar na vida privada d'outras pessoas...
 Note-se que o livro é feito para obter a revisão do processo. D'esto modo? Tempo, papel, imprensa, esperanças: tudo lançado á rua!
Nomeação e transferencia
 Pelo ministerio da marinha acaba de ser nomeado chefe do pharol de Aveiro, o primeiro conductor de machinas Emilio Augusto Berce, e exonerado do cargo de capitão do porto de Aveiro e nomeado comandante do transporte «Alvaro Caminha», o primeiro tenente Jayme Affreixo.
 Espera-se por estes dias a aposentação do antigo chefe de pharoleros, Sameiro.
 Os dois funcionarios deixam saudades em Aveiro.

BAZAR DO RECREIO ARTISTICO

Receberam-se mais as seguintes prendas:— De Sua Magestade El-rei D. Carlos, uma bilheteira de prata gravada em alto relevo, tendo ao centro as armas de Lisboa; de Sua Magestade a Rainha D. Maria Amelia, uma bilheteira de crystal com pés e guarnições de metal dourado; de Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, um candieiro de centro com pé e guarnições de metal branco; D. Maria d'Assumpção Carvalho e Silva, uma floreira em faiança, representando um tronco de videira com uvas, e um azulejo para guarnição de parede; D. Julia dos Reis, duas garrafas de vinho fino; D. Laura de Castro Monteiro, um prato de vidro crystal e um par de jarrinhas azues; D. Creusa de Sá, um quadro representando Nossa Senhora entre nuvens; D. Maria Ferreira Ramos, um par de tamanguinhos bordados; D. Maria Tavares d'Almeida Lebre, Quinta do Picado, um bombonisêre com guarnições metalicas; D. Maria das Dôres Freire, um tinteiro (phantasia); D. Eduarda Augusta Ferreira, um cesto bordado; D. Maria Augusta Duarte de Carvalho, um par de jarrinhas e uma floreira; D. Edalina Correia Roza, um estojo de costura; D. Paulina da Cruz, um par de jarras; D. Emilia dos Reis Ferreira, tres garrafas de vinho fino; D. Maria Maia, uma bilha e prato para agua (faiança); D. Camilla de Souza Marques, uma floreira de louça; e dos ex.ºs srs.: Manuel Antonio Fernandes, de Penafiel, 1:000 réis em dinheiro; Francisco do Nascimento Correia, de Anadia, tres volumes de Zola—«A taberna»; José Gonçalves Victorino, de Lisboa, uma toffette em meniatura; Lemos & C., Porto, uma manteigueira e uma leiteira de britania; João Gonçalves, um escudo em louça, representando a caravella do infante D. Henrique; Francisco Maria dos Santos Freire, uma bateria de cosinha em meniatura, uma velha castigando um néné, um charaban com cavallo, um frade com um porco pela corda, dois jogadores da bola, um palhaço com um cão, e dois cruzadores, tudo de folha de flandres; Luiz Nunes Ferreira, do Porto, 5:000 em dinheiro; Antonio dos Santos Urbano, Lisboa, 12 espelhos grandes de movimento, 12 ditos pequenos, 6 molduras de cartão para retracto, 12 ditos de metal dourado e 42 espelhos de bolso; Firmino Fernandes, um copo e prato de metal branco; Elydio Filinto Fejo, Esgueira, dois pratos para ornamentação, um sapato chinês em louça e quatro andarellas para castiças; Antonio da Cruz Pericão, S. Bernardo, uma garrafa de licor de café; dr. Sebastião de Magalhães Lima, Lisboa, 10:000 réis em dinheiro; José Reynaldo Rangel de Quadros, um pharol de gesso e dois pares de jarras de biscuit; Joaquim Soares de Andrade Cadete, um pente de tartaruga; Alfredo Henriques, duas garrafas de vinho fino; José Maria Paulino, um paliteiro representando o *Zé Povo*; Joaquim Antonio Vieira, um pião grande de madeira; F. M., Paula Santos, Porto, 1:000 réis em dinheiro; Manuel Alves Villaverde, Porto, uma chavena e pires de ferro esmaltado; José Marques da Silva, dois candieiros de petroleo; José da Cruz, duas garrafas de vinho fino; Antonio Marques d'Almeida, 500 réis em dinheiro.

Na *montre* da casa Trindade & Filhos, á rua Direita, encontram-se em exposição as tres prendas offerecidas por Suas Magestades ao «Recreio Artistico».
Notas alegres
 Na rua:
 — Quem é esse sujeito a quem cumprimentaste? E' teu parente?
 — Não, mas toca-me muito de perto.
 — Então quem é elle?
 — O meu barbeiro.
 Uma senhora compadecida, visitando a prisão, diz para um dos presos:
 — Que pena eu tenho de sua mulher, que provavelmente chora a estas horas a sua ausencia.
 — Oh! minha senhora, eu sou mais infeliz ainda do que v. ex.ª julga. Fui condemnado por bigamia. São duas a chorar...

EMPRESA CERAMICA

DA
FONTE NOVA
DE
Mello Guimarães & Irmãos
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marse-
lha, feita pelos processos mais modernos e aper-
feiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande
quantidade de telha franceza e seus accessorios,
e bem assim outros artigos para construcções,
taes como: azulejos para revestimento de pa-
redes de variados gostos, vasos para frontarias,
siphões, balaustres, manilhas, etc., productos
que rivalisam com os das principaes fabricas
congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS
—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Sucessores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes
e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zin-
co, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de
aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças,
panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros,
pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde
para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em
massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Com-
panhia SINGER obtiveram na Ex-
posição de Paris de 1900 o mais alto
premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tan-
tas outras que estas excellentes e
bem construidas machinas teem al-
cançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Abastecimento de carnes á cida- de de Lisboa.

Esta empresa previne os cria-
dores de que recebe gado
para açougue nas epochas
propias pelos preços que
constam do seu contracto.

Venda de productos do
Matadouro Municipal de Lis-
boa, sangue secco e pul-
verizado para adubos (o mais
rico em azote), tonelada réis
68:000, tripa larga 240
réis cada massa, tripa es-
treita 260 réis cada massa,
couros todos os sabbados
ao meio-dia, sebo, estrume,
etc.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR

ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO
PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCCAO
PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do
continente, illas e ultramar, e na
CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro.—242-1.º
LISBOA

“Os ultimos escandalos de Paris,”

Grande romance de Dubut de Laforest,
illustrado de numerosissimas e esplen-
didas gravuras. Mais interessante que
os *Mysterios de Paris* e *Rocambole*. Ro-
mance de acontecimentos sensacionais e
veridicos occorridos na actualidade.
Obra moralissima pela edificacção dos fa-
ctos relatados e pelas injusticas que
esses mesmos factos frequentemente
annuncia. *Brinde a todos os assignantes:*
Uma elegante capa de brochura para ca-
da volume, impressa a duas cores e com
desenhos apropriados ao assumpto tra-
tado no mesmo volume. Um premio da
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
nas condições dos prospectos em distri-
buicção.
Fasciulo semanal de 40 paginas e
5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de
160 paginas e 20 gravuras, 200 réis.
Assigna-se em todas as terras do
paiz onde temos agentes, e na *Editora*
—Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda livros RICARDO DE SA

Chefe da contabilidade do Banco
Nacional Ultramarino. Ex-professor pro-
prietario da 5.ª cadeira
do Atheneu Commercial de Lisboa
Perito ante os tribunaes Commercial
e Civil. Publicista

E' sobejamente conhecido em todo o
paiz o nome do auctor para que preci-
samos recomendar o valor d'esta obra,
indispensavel ao commercio e á indus-
tria em geral.

Esta obra compõe-se ha
aproximadamente de 50
fasciculos de 16 paginas a
70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo
do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Por-
to, na Livraria Chardron de Lello & Ir-
mão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em
casa de todos os seus agentes das pro-
vincias, illas e ultramar. Envia-se o fas-
ciculo specimen a quem o requisitar.

“Povo de Aveiro,”
Em Lisboa, vende-se na
tabacaria Monaco.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura,
desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha
de todas as machinas de costura

- Ensino gratis. Garantia illimitada.
- A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
- Para collegios e escolas de meninas, preços e condi-
ções especiaes.
- Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para
toda a classe de costura.
- Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remellem gratui-
tamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada
pelo governo, 16.ª edi-
ção, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis,
cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA MATERNAL
em 35 cartões, preço, 6\$000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL
em 35 cartões, preço, 6\$000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre
questões de pedagogia), 1
vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o
prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.)

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr.
Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.)

Campo de Flores, Braga, um elegante volume de 525 pag., com
dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indis-
pensavel aos
que ensinam a lêr pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João
de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas
principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.
Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem
terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus,
Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer
explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á
viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Es-
trella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o
referido methodo.

Sapataria Marques d'Almeida
& Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita
aos Arcos, ha sempre excellente
calçado feito, tomando-se tambem en-
comenda por medida. Pela segurança
da obra e pela boa qualidade dos cabe-
daes se responsabilisam os annuncian-
tes.

Egualmente garantem a todos a mo-
dicidade de preços.

Vêr para crêr

A NOVA PHASE

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gómes
de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160
—LISBOA.

Preço 200